

O despertar para o outro: a escrita de língua de sinais e o profissional da tradução/interpretação. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 3, n. X, jan.-jun., 2018.



## O DESPERTAR PARA O OUTRO

---

A escrita de língua de sinais e o profissional da tradução/interpretação<sup>(\*)</sup>

Claudio Alves BENASSI (UFMT)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo abordar a relação do profissional tradutor/intérprete de Libras com a Escrita de Língua de Sinais (ELS). Embora ainda não seja totalmente explorada tanto por estes profissionais quanto pelos demais usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a ELS pode se tornar um instrumento poderoso no processo de mediação e registro da Língua Portuguesa (LP) e na interpretação linguística educacional. O aspecto metodológico utilizado neste recorte de minha pesquisa de doutoramento a respeito da ELS é somente teórico descritivo. Com o presente artigo, esperamos sensibilizar a comunidade acadêmica para a importância da aprendizagem de uma ELS.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de Língua de Sinais. Libras. Interpretação.

*“Diga não à educação fundamentada na deficiência, na impossibilidade e na limitação. Valorize o potencial do seu aluno.” (BENASSI, 2017, 153)*

## 1. INTRODUÇÃO

A Escrita de Língua de Sinais (ELS) não é um recurso gráfico recente. O primeiro sistema de ELS surgiu com o professor guadalupenho Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839), o qual acreditava que uma ELS podia contribuir para o desenvolvimento cognitivo do visual (*surdo*) (OLVIEDO, 2009). Na atualidade, apesar de serem pouco conhecidos e utilizados na educação dos sujeitos visuais, os sistemas de ELS proliferaram-se pelo mundo.

No Brasil, existem pelo menos três sistemas correntes e um outro em constituição, sendo estes o *Sign Writing* (SW), sistema de ELS desenvolvido pela norte-americana Valerie Sutton na década de 70 do século passado, com base em um sistema de grafia de coreografia de ballet, o

---

<sup>(\*)</sup> Artigo produzido a partir da comunicação oral de mesmo título, apresentada no I ENFOTILS/UFMT.





*Dacing Writing*. Os maiores representantes deste sistema de ELS no Brasil são a professora Marianne Stumpf e os profissionais da Libras Madson Barreto e sua esposa Raquel Barreto (STUMPF, 2011; BARRETO, BARRETO, 2012).

Segundo Barros (2015), a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) foi criada pela professora Mariângela Estelita Barros, da Universidade Federal de Goiás (UFG), no ano de 1998. O sistema implementa um visograma (alfabeto) composto por 95 visografemas (letras), que permite que qualquer Língua de Sinais (LS) do mundo seja grafada linear e *paremicamente*<sup>1</sup>. O Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL), por sua vez, foi criado pela professora Adriana Stela Cardoso Lessa-de-Oliveira, no ano de 2009 (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), e implementou um complexo alfabeto por meio do qual se grafa a LS.

Há, ainda, a VisoGrafia, sistema de ELS que vem sendo elaborado a partir da releitura de elementos gráficos do SW e da ELS (BENASSI, DUARTE, PADIHA, 2016). Este sistema de grafia desenvolvido por mim, e que atualmente é objeto de uma pesquisa de doutoramento, implementa um visograma de apenas 35 visografemas e um total de 54 diacríticos (símbolo gráfico que é usado sobrescritamente para completar uma ideia que se quer grafar), e permite que a LS seja grafada paremicamente (BENASSI, no prelo).

Ficou comprovado, em testes de viabilidade de escrita e leitura, que a VisoGrafia permite aos profissionais com amplo conhecimento da Libras ler sinais escritos sem que sequer tenham estudado o sistema (BENASSI, et al, 2016<sub>a</sub>; BENASSI, 2017). Segundo Benassi (no prelo), a VisoGrafia foi testada em um curso de extensão e os dados apontam que na sétima aula os participantes já liam e escreviam sinais. Aplicada em disciplinas de Licenciatura em Letras-Libras, a aprendizagem foi ainda mais rápida. Nos dois momentos, contudo, durante a segunda aula, os alunos liam e escreviam sinais, sendo que, em um deles, com oito aulas eles já produziam textos.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Muitos são os benefícios que a ELS pode proporcionar tanto para o visual quanto para o ouvinte que estuda a Libras, como, por exemplo, a compreensão desde o pleno desenvolvimento linguístico até o auxílio do visual na aquisição de outras línguas escritas. Além disso, segundo Nobre (2011), a ELS favorece a comunicação fluente do visual por meio da escrita, o que não acontece

<sup>1</sup> Termo derivado de *parema*: é a *unidade mínima do plano de expressão das línguas de sinais que não possuem, em si mesmas, significado algum, combinam-se entre si para formar sinalicos morfêmicos ou sinalicos distintivos*.



com a escrita de sua Segunda Língua (L2). O autor também aponta que o status social da LS aumenta à medida que o visual mostra que tem uma escrita própria.

O objetivo desta pesquisa é despertar o interesse do profissional/intérprete de Libras para a necessidade da aprendizagem da ELS, pois, assim, ele poderá influenciar o sujeito visual a aprender a escrita de sinais. Neste sentido, torna-se necessário chamar a atenção dos profissionais que atuam na educação do alunado visual para a importância da fluência na escrita e leitura de ELS, uma vez que o sucesso do desenvolvimento cognitivo do sujeito visual perpassa a alfabetização em ELS.

A pesquisa será desenvolvida com base em abordagens teórico-práticas da ELS, contemplando desde a apresentação concisa da história dos diversos sistemas de ELS correntes no Brasil, passando pela apresentação dos benefícios da aprendizagem da ELS na alfabetização dos visuais até o desenvolvimento linguístico do ouvinte que estuda Libras.

A fundamentação teórica vem dos autores Barros, Barreto e Barreto, Stumpf, Nobre, Stone, Pöchhacker, entre outros. Com isso, espera-se que a comunidade seja introduzida de forma básica na ELS, despertando o interesse para a necessidade de aprendizagem, aperfeiçoamento e disseminação desse conhecimento. Assim, o alunado visual terá uma de suas principais demandas educacionais atendidas: a alfabetização em Língua de Sinais, pois, até o presente momento, com raras exceções, os visuais são alfabetizados somente em Língua Portuguesa, permanecendo analfabetos em sua Língua de Conforto.

### 3. A TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO CONCEITUALMENTE

Segundo Souza, a tradução consiste numa nova produção textual sempre vinculada a uma produção textual anterior, mas que se realiza em um novo contexto. Pode ocorrer em uma nova língua (2011, p. 11). Para o autor, existem três modalidades de interpretação, ei-los: o intralingual ou reformulação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; o interlingual ou tradução propriamente dita, que incide na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; e a intersemiótica ou transmutação: equivalente à interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Segundo Pöchhacker (2004), a interpretação é um procedimento que transcorre no “aqui e agora” sem que haja a possibilidade de edição ou revisão. Ou seja, não há chance de correção





posterior, que vise o benefício das pessoas comprometidas com a comunicação e que vá além de quaisquer barreiras linguísticas ou culturais. Isso porque acontece simultânea ou consecutivamente com a produção textual. Para Stone (2009, p. 01), enquanto a tradução e a interpretação estão preocupadas com a versão de uma língua em outra, existem diferenças entre elas, devido à forma e ao limite de tempo.

As diferenças entre os dois procedimentos de mediação de uma língua, fonte para uma língua alvo conforme apontado anteriormente, reside no aspecto temporal relacionado à produção do texto que se traduz/interpreta. Enquanto a tradução, que envolve processos de interpretação, se dá *a posteriori*, ou seja, após a produção do texto traduzido, a interpretação se dá de forma simultânea ou consecutiva a sua produção.

#### 4. O PROFISSIONAL TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM A ELS

A atividade mais comum que realiza o profissional tradutor/intérprete de Libras é, sem dúvida, a interpretação. Processo quase sempre simultâneo, ora da Língua Portuguesa para a Libras, ora de Libras para a Língua Portuguesa. O processo de tradução de textos escritos em Língua Portuguesa para a Libras também acontece em menor escala. No entanto, o processo inverso ainda não acontece, principalmente, em virtude da escassez de textos escritos em Libras.

Como vimos, a Libras não é uma língua ágrafa. Ela possui vários sistemas de escrita que ainda não foram efetivados na educação do estudante visual. Obviamente, este fato se dá em virtude de que a formação dos profissionais que atuarão na docência nos níveis infantil e anos iniciais do ensino fundamental, tal como preconiza o Decreto n. 5.626/05, não está baseada na alfabetização (ensino de escrita e leitura) em língua de sinais, e sim, no ensino de Libras (sinalizada) como Primeira Língua (L1) e em Português (escrito) como Segunda Língua (L2) (LEITE, 2016<sup>a</sup>, 2016<sup>b</sup>, 2017; BENASSI, 2016).

Devido à formação equivocada de muitos docentes, o processo de aprendizagem dos acadêmicos visuais fica prejudicada. Segundo Leite (2017):

Nota-se que a educação do visual é idealizada de forma bilíngue Libras/Língua Portuguesa, envolvendo a instrução em Libras como L1 e em Língua Portuguesa como L2, ou seja, ensina-se a Libras sinalizada e a escrita da Língua Portuguesa, no entanto, omite-se o ensino da escrita de sinais, o que para nós é inadmissível,



por considerarmos a ELS uma das bases fundamentais para o desenvolvimento cognitivo do sujeito visual.



Como apontado pela autora, o atual quadro de formação de pedagogos bilíngues não atende as especificidades do desenvolvimento acadêmico/cognitivo do visual. No entanto, isso não é tudo: o processo de formação do profissional/intérprete também deixa a desejar no quesito escrita de sinais. Poucos são os profissionais da tradução/interpretação que “dominam” o processo de escrita e leitura da língua de sinais.

Dada a ausência da escrita de sinais na formação dos profissionais que atuam na educação do visual, o processo de tradução de obras escritas em outras línguas para a Libras é praticamente inexistente. A produção tanto de obras literárias quanto bibliográficas em escrita de sinais é nula. Com isso, tanto os profissionais da tradução/interpretação quanto os acadêmicos visuais não possuem referências literárias e bibliográficas em Língua de Sinais, salvo exceções em vídeo.

Há muitos profissionais que defendam o processo atual de formação de profissionais da Libras (professores e tradutores/intérpretes) sem o uso efetivo da escrita de sinais. Obviamente, essa formação se refletirá negativamente na alfabetização/formação acadêmica do sujeito visual. Ao analisar o currículo de cursos de pedagogia bilíngue (Libras/Língua Portuguesa), Leite (2016a, 2016b, 2017), constatou que os cursos não têm disciplinas e escrita de sinais:

Entendemos que um dos principais papéis do educador pedagogo é alfabetizar, letrar e numerar crianças na educação de base, portanto, o educador formado nesta perspectiva não irá ensinar ao aluno visual o ensino de escrita e da leitura de língua de sinais.

A ausência de disciplinas de escrita de língua de sinais na formação do futuro professor de visuais aumenta a probabilidade de o aluno visual continuará analfabeto em sua própria língua (LEITE, 2017, p. 60).

Nota-se que o pedagogo bilíngue formado sem a devida instrução em escrita de sinais, colaborará para a manutenção do equívoco instituído na formação dos profissionais da Libras. Também o profissional da tradução/interpretação que se forma sem a devida aprendizagem da escrita de sinais, corrobora para tal. O alunado visual, pelo menos no estado de Mato Grosso, chega à universidade analfabeto em língua de sinais, com conhecimento apenas da escrita e da leitura de Língua Portuguesa, desconhecendo quase que completamente a escrita de sinais.

Esse processo corrobora ainda com a concepção da educação de visuais pautada apenas no ensino da Libras como L1 (sinalizada) e da Língua Portuguesa como L2 (escrita), favorece a



formação de inúmeras lacunas no cognitivo do acadêmico visual, que, ao longo de sua vida, dificilmente serão preenchidas (BENASSI, 2017, p. 81).

Em nosso percurso acadêmico, como também em nossa vida cotidiana, tendemos a seguir determinados modelos. Os profissionais da educação por certo são modelos que nos influenciam em muitas tomadas de decisões. Neste aspecto, pode-se afirmar com segurança que o profissional da tradução/interpretação é um dos mais influentes modelos para o acadêmico visual, tendo em vista que, na escola “inclusiva”, na maioria dos casos, é ele o único usuário que compartilha com o aluno visual a língua de sinais.

Assim sendo, o profissional da tradução/interpretação fluente em escrita e leitura de escrita de sinais, além de ser completo em sua formação/atuação, poderá ser também um influenciador/disseminador desse saber. As disparidades no ensino de L2 em sua modalidade escrita na educação dos visuais é também perpassada pela ausência da escrita de sinais na formação/atuação dos profissionais da educação. Mudar esta realidade depende diretamente de um despertar.

Despertar para “nos conscientizarmos da necessidade de alfabetizar os sujeitos visuais em sua língua” (BENASSI, 2017, p. 143). A esse respeito, Câmara Júnior aponta que a melhor maneira de alfabetizar é ensinar a ler e escrever na língua materna do estudante ([1970] 2015, p. 21). Na contramão de seu postulado, tradutores/intérpretes e professores, bem como profissionais da Libras em geral, ainda insistem que a escrita de sinais não tem outra função senão o puro e simples registro de sinais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo do presente artigo, o processo de tradução de uma língua fonte para uma língua alvo, é caracterizado, principalmente, pelo registro escrito para posterior reavaliação. Isso implica dizer que na Libras o processo se dá mediante a tradução de textos escritos e pode ser da Libras para a língua oral e vice-versa. No caso da tradução da língua oral para a Libras, o registro para consulta posterior no sentido de corrigir ou adequar a tradução, obviamente, deve se dar por meio da escrita de sinais.

Como foi apontado anteriormente, a interpretação é o processo que se dá de forma consecutiva: interpretação da língua fonte para a língua alvo, logo após uma pausa na produção da



língua fonte; e, simultânea: quando a língua fonte é interpretada para a língua alvo no mesmo instante de sua produção. Em nenhuma das duas tipologias da interpretação há a possibilidade de registro para avaliação e correção posterior.

A ausência da escrita de sinais relacionada à formação/atuação dos profissionais da Libras, e, principalmente, dos que trabalham com tradução/interpretação, pode contribuir para a perpetuação do analfabetismo do alunado visual, uma vez que são esses que na escola inclusiva compartilham da língua de sinais. Tais profissionais com sua formação/atuação incompleta, influenciam os acadêmicos visuais apenas na percepção da importância da língua de sinais em alguns contextos da Língua Portuguesa escrita, fazendo com que desconheçam ou não se interessem pela escrita de sinais.

Há que se ressaltar que a sociedade é grafocêntrica (GNERRE, 2009). Isto quer dizer que socialmente a escrita e aquele que escreve possuem mais valor. Obviamente, o sujeito visual que apresenta escrita apenas na L2 – rudimentar, como mostra a realidade –, sem escrever e ler em sua própria língua, terá bem mais dificuldades para transitar na sociedade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

BENASSI, C. A. **O despertar para o outro: a escrita de língua de sinais e o profissional da interpretação.** Comunicação. In.: ENFOTILS. Universidade Federal de Mato Grosso: Cuiabá, 2017.

BENASSI, C. A. **O despertar para o outro: entre as escritas de sinais.** Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. [1970] **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2015.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEITE, M. Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: a pedagogia bilíngue. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 1, n. 1, jan.-jun., 2016. Disponível em [http://files.falangemiuda.com/200000440-213f52238a/REFAMI\\_ART\\_11201618.pdf](http://files.falangemiuda.com/200000440-213f52238a/REFAMI_ART_11201618.pdf). Consulta em 28 de dez. 2017 <sup>(a)</sup>.

LEITE, M. Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: a pedagogia numa perspectiva bilíngue. **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 4, n. 1, jan.-jun., 2016. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3899/pdf>. Consulta em 28 de dez. 2017 <sup>(b)</sup>.

LEITE, M. Pedagogia Bilíngue: tecendo considerações sobre a alfabetização de visuais. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. Disponível em <http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/157/155>. Consulta em 30 de dez. 2017.



NOBRE, R. S. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em SignWriting**. Dissertação. Mestrado em Linguística Aplicada. Programa Pós-graduação em Linguística aplicada. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

OVIDO, A. Vuelta a um hito histórico de La lingüística de lãs lenguas de señas: La mimographie de Bébian em el sistema de transcripción de Stokoe. **Lenguaje**, Universidad Del Valle, Cali. 2009, volume 37, no 2, p. 293 – 313. Disponível em <[http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37- 2](http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37-2)>. Acesso em 25 set. 2013.

PÖCHHACKER, F. **Introducing interpreting studies**. London-UK: Routledge, 2004.

SOUZA, S. X. de. **Intérprete de língua de sinais brasileira na sala de aula**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

STONE, C. **Toward a deaf translation norm**. Washington-DC, USA: Gallaudet University Press, 2009.

#### Sobre o autor:

CLAUDIO ALVES BENASSI



Doutorando em Estudos de Linguagens (UFMT). Mestre em Estudos Interdisciplinares de Cultura Contemporânea (UFMT). Formado em música pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Língua brasileira de sinais (Libras) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Artista pesquisador e professor da Coordenação de Ensino de Graduação de Letras-Libras – Licenciatura. Professor Auxiliar A. Editor gerente das Revistas Diálogos (RevDia) e Falange Miúda (ReFaMi). E-mail: [caobenassi@hotmail.com](mailto:caobenassi@hotmail.com)